

Anexo I: Guião de entrevista

Blocos	Objetivos específicos do Bloco	Questões orientadoras	Tópicos orientadores/ Perguntas de recurso e aferição
A – Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Recordar objetivos da entrevista; • Motivar colocar o entrevistado na situação de colaborador; • Garantir a confidencialidade dos dados; • Pedir autorização para gravar; • Informar da duração da entrevista. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sublinhar a importância do contributo entrevistado • Esta entrevista é anónima e será usada apenas para fins académicos • Podemos fazer a gravação áudio da entrevista? • Esta entrevista terá a duração, mais ou menos, de uma hora. 	
B - Identidade pessoal e familiar dos entrevistados	<ul style="list-style-type: none"> • Recolher dados da caracterização pessoal e familiar e cultural; 	<ul style="list-style-type: none"> • Que idade tem? • Em que ano nasceu? • Qual a sua data de nascimento? • Onde nasceu? Que ligações com o local onde nasceram? • Onde reside atualmente? • Qual a origem dos pais? • Qual a origem dos avós? • Se não é de origem portuguesa quando chegou a Portugal? 	<ul style="list-style-type: none"> • Idade; • Ano de nascimento; • Zona rural/ zona urbana; • Nacionalidade portuguesa ou outra; • Proveniência familiar; • Há quanto tempo habita em Portugal (se não for português); • Agregado familiar;

	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber as vivências familiares de cada um numa perspectiva cultural; • Identificar membros significativos da família na transmissão do património cultural da família; • Identificar sentimentos de pertença, dilemas ou conflitos na família. 	<ul style="list-style-type: none"> • Tempo de permanência em Portugal • Com quem vive? • O que sabem sobre a história da vossa família? • Quem vos conta as histórias? • Gostam das histórias? • Querem contar alguma história sobre a vossa família que seja importante para vocês? • Como se sentem na vossa família? Sentem que são importantes para ela? Porquê? 	<ul style="list-style-type: none"> • Histórias familiares; • Memórias e vivências familiares, valores; • Sentimentos /emoções de pertença, conflito, espaços,/lugares, perceções sensoriais.
C – Interação em contextos multiculturais	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar contextos multiculturais onde participam no seu quotidiano, a que atribuem importância; • Verificar que sentimentos manifestam ao lidar com outras culturas; • Compreender como as diferentes dimensões culturais influenciam a relação com o outro; • Perceber a importância dos afetos e das interações culturais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Podemos falar sobre pessoas que conhecem de outras culturas e origens que sejam da vossa família, da vossa turma ou amigos? • Acham importante ter-se origens tão diferentes? • É importante terem colegas de outras culturas na vossa turma? • Não sentiram por parte de outros, preconceitos em relação à vossa origem ou cultura? 	<ul style="list-style-type: none"> • Dimensão cultural; • Atitude em relação ao outro; • Atitude do outro em relação ao Eu;

<p>D Grupo Amigos/Escola/ Bairro / Comunidade alargada</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as percepções e os sentimentos dos alunos em relação aos grupos de amigos/ à escola/ ao bairro... e à inserção nestes; • Perceber o impacto que tem a escola/ o bairro na vida quotidiana dos alunos. • Perceber como se situam e apropriam na vida e na transformação da comunidade; • Aprender propostas de mudança promotoras de interculturalidade; • Identificar relações entre a escola e as comunidades em que atuam; • Perceber a relação que estabelecem entre o saber prático e experiencial e o saber escolar. 	<ul style="list-style-type: none"> • Do que foi dito anteriormente destacam-se os grupos de amigos, a escola, o bairro... • Então e os amigos? Como os escolhem? • Como reagem quando entra um novo colega na vossa turma ou grupo de amigos? O que sentem? O que vos traz de positivo o novo amigo? • Não só na escola vocês lidam com outras pessoas de culturas e origens diferentes. Também no vosso bairro... Como se relacionam com as pessoas do vosso Bairro? • As vossas histórias de vida, as vossas experiências, as vossas origens, têm relação com as matérias que dão nas aulas? Por exemplo com a disciplina de História? • Fazem comparações entre as vossas histórias de vida e a História que vocês estudam? 	<ul style="list-style-type: none"> • Dimensão cultural; • Compreender a composição dos grupos de amigos, escola e bairro (origem social, cultural e geográfica); • Sentimentos em relação à escola/bairro; • Perceber qual a importância dos conteúdos lecionados na disciplina de História, para os alunos; • Saber inerte <i>versus</i> saber prático.
--	---	--	---

<p>E – Finalização da entrevista.</p> <p>Agradecimentos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Saber se o entrevistado tem alguma questão • Saber se o entrevistado quer acrescentar alguma informação • Agradecer a disponibilidade • Captar o sentido que o entrevistado dá à sua própria situação na entrevista 	<ul style="list-style-type: none"> • Quer colocar alguma questão? • Quer acrescentar alguma informação? • Obrigada pela sua colaboração! 	
---	--	---	--

Objetivos gerais:

1. Identificar sentimentos de pertença, conflitos ou dilemas;
2. Identificar membros significativos da família na transmissão do património cultural da família;
3. Identificar contextos e compreender as diferentes dimensões culturais que influenciam a relação com o outro.
4. Perceber que importância dada à diversidade cultural e as relações de interculturalidade estabelecidas.
5. Perceber a ligação que se estabelece entre o saber prático e experiencial e o saber escolar, relacionado com a disciplina de História.

ENTREVISTA S1

Transcrição entrevista em 23 de abril de 2015 - S1

Início da entrevista: 10h30m; Tempo de duração - 50 minutos

Grupo de alunos entrevistados: W, M, Ma, B, D – 5 alunos.

Depois de ter agradecido a presença de todos, ter garantido a confidencialidade dos dados, pedindo autorização para gravar e indicar que a duração da mesma, ou seja, aproximadamente 45m, dei início à entrevista.

Eu - Vou fazer três questões: onde nasceram, qual a origem dos vossos pais e avós?

W - Tenho 18 anos, nasci em Cabo Verde na ilha de Santiago mas agora vivo cá em Portugal. Moro com os meus pais e os meus irmãos mais pequenos.

Eu - Vieste para cá com que idade?

W - 15.

Eu - Então estás cá há três anos não é? Gostas de estar em Portugal?

W - Sim *stora*, aqui é muito fixe. Mas não gosto das aulas. Lá em Cabo Verde eu entrava às 8 e saía à 1 e aqui não... Aqui entro de manhã e saio à tarde.

Eu - O que é que tu fazias em Cabo Verde à tarde?

W - Quando saía da escola ia conviver com os amigos e estudar um bocadinho...

Risos!

M - É, devias estudar...

Continuam a rir.

Virei-me para os outros alunos e perguntei: e vocês quem quer contar onde nasceu, de onde vem, os pais, os avós?

Ma - Eu sou originário do Brasil, mas vim para cá com 3 anos, tenho 17 anos e eu me sinto bem em Portugal porque eu tenho Portugal como a minha casa. Apesar de tudo já estou aqui há 15 anos e é um lugar que eu me adaptei, tenho sangue brasileiro mas o meu coração é português. Gosto da escola porque é um lugar que eu posso interagir com os meus colegas, posso vê-los todos os dias. Nas minhas companhias tento sempre encontrar quem se enquadra no meu tipo de pessoa. Sou um *cara* que dá muito *de boa* e então vou sempre procurar as pessoas que se identifiquem comigo em gosto, em atitudes, em formas de pensar e em atitudes em si. Por exemplo em questões familiares e não só, em amizades, maneira de lidar com problemas. Tenho um sonho, um sonho de ser advogado, mas por causa dos anos que já perdi está meio ofuscado, mas ainda não desisti desse sonho. É um sonho que quero correr atrás. Quero um dia ser bom. Quero ser uma boa pessoa. Quero ser bom não só como pessoa mas em todas as áreas. Bom filho, bom pai, bom esposo, bom aluno, bom profissional. Todas as áreas que eu gero na minha vida. E além do mais eu espero devolver e aprender muito mais esses anos, viver e aprender.

Eu - Tens alguma ligação com o Brasil?

Ma - Com o Brasil tenho a minha família praticamente toda lá. Eu cresci sem saber o que é ter um avô para sair, um tio. Eu via as crianças no parquímetro e eu ficava meio triste porque eu não tinha isso. Eu cresci sem parte da minha família. Cresci perto da minha mãe, do meu pai, dos meus irmãos...Mas tirando isso, questão familiar, tios, não tive, nunca tive. Então as pessoas que eu tenho por perto são só de consideração. Ah, meu primo de consideração. Aqui, do Brasil, é só mesmo a minha família.

Eu - Os teus avós são todos do Brasil?

Ma - Sim, sim, tanto do meu pai como da minha mãe.

Eu - Todos nasceram lá, não são originários de outros países?

Ma - Não, não. Todos do Brasil. Eu sou de Minas e estado de Minas.

Eu - E os teus pais?

Ma - Minha mãe é do Pará e meu pai é da Baía. Os meus avós eu não sei ao certo. Uma coisa que eu nunca perguntei. Mas os meus irmãos, no meio de isso tudo são de S. Paulo.

Eu - Podes pedir aos teus pais para escreverem uma história sobre o lugar onde nasceram bem como o dos teus avós.

Ma - *Tá* bom. Assim fico a saber.

Eu - B, tens alguma coisa que nos possas dizer sobre a tua família?

B - Não.

Eu - Não? Onde é que nasceste, os teus pais e avós?

B - Nasci em Almada.

Risos.

Eu – Vives em Almada...

B – Não, vivo em Corroios e aos fins de semana vou para a casa dos meus avós na Charneca.

Eu - Vives com quem?

B - Só com a minha mãe.

Eu - Nasceu em Almada?

B - Não, somos aqui da Costa só que eu vivo em Corroios.

Eu - Os teus pais nasceram aqui na Costa?

B - Não em Almada, acho que foi em Almada, não sei.

Eu - E os teus avós?

B - Moram na Charneca mas eu tenho a minha família quase toda alentejana.

Eu - De onde?

B - Ervidel, em vários sítios do Alentejo mas eu não sei de onde.

Eu - E o teu pai?

B - É de cá mas não sei. Eu não me ligo muito com o meu pai. Desde pequenino fui aos fins-de-semana para a casa dos meus avós. Os meus avós gostam da minha companhia e eu vou sempre.

Eu - Conheces alguma história da tua família?

Acenaram todos que não, à exceção do Ma.

Eu - Quem é que vos conta histórias em casa sobre a vossa família? Ninguém?

B - Como só vivo com a minha mãe... não me conta histórias.

W - Toda a minha família são cabo verdianos, todos de Santiago.

Eu - E ninguém te conta histórias da família que está lá?

W - Não, eu também não lhes pergunto, portanto...

Eu - E não gostavam de saber de histórias sobre a vossa família?

Riram-se. Sei lá nunca pensei nisso, respondeu o M.

Eu - E tu M onde nasceste?

M - Eu nasci cá, no Pragal. O meu pai é de Angola e a minha mãe cá de Portugal.

Eu - Portuguesa?

M - Iahh, não sei onde nasceu, não vivo com ela. Vivo só com o meu pai. Os meus avós, só sei que estão em Angola e da minha mãe não sei.

D - Não sabes?

M - Eu não sei nada dela, tipo!! Não sei nada! Do meu pai sei que ele em Angola tomava conta da casa, e quês e a mãe dele ia trabalhar.

Eu - De que zona de Angola é o teu pai?

M - Não sei.

Daniela ri-se

Eu - E tu D?

D - Sou portuguesa, nasci em Almada. O meu pai é angolano e a minha mãe alentejana. Alentejana não, é portuguesa! Os pais são alentejanos. A minha mãe nasceu aí numa casa da Vila Nova. Não sei mais nada!

Eu - Sabes alguma história sobre a tua família?

D - Iahh, sei uma... O meu bisavô era o segundo milionário de Angola...

Eu - Da parte do teu pai, não é?

D - Iahh. Foi morto na casa de banho.

Eu - Durante a Guerra?

D - Iahh. Eles fugiram. A minha avó e a família.

Eu - Sabes em que ano?

D - Ah, isso não. Eles tiveram de fugir para não ser mortos, também...

Eu - Fugiram para Portugal?

D - Iahh!

Eu - Conheciam alguém cá?

D - Não.

Eu - Foi duro para a família, não?

D - Foi bué. Fui viver com a minha avó que era da Quinta da Princesa e vim para aqui para a zona há pouco tempo. Agora vivo com a minha mãe e os meus irmãos.

Ma - Eu ouço histórias em casa, não vou dizer todos os dias..., não vou dizer todos os dias porque normalmente, às vezes a comunicação falha.

Eu - Porquê? Não falas muito com os teus pais?

Ma - Não é isso. É por causa dos afazeres. A corrida do *gincim*, para aquele tempo assim, para ter aquela conversa gostosa, para sentar na mesa... Tem vezes que tem tempo até demais e foge totalmente o tempo e pronto, então tem muitas histórias para contar. O meu pai conta que ele era pequeno, ele veio de uma família muito extensa, eu

tenho cerca de..., uns 9 tios da parte paterna, uma família muito extensa, tanto da parte paterna como da parte materna. E o meu pai conta, ele era novo, ele passava por algumas dificuldades e teve de sair, na altura, de Ilhéus, porque tinha tido um alagamento e a família dele, o pouco que tinha perdeu tudo, naquela, naquele alagamento. Então ele teve que se virar. Então ele foi muito cedo trabalhar nas obras, então ele começou a ajudar em casa... Sustentava, ele tentava de alguma forma fazer com que a mãe dele e os irmãos não passassem tantas privações... Mais ou menos com 15 anos, ele saiu de casa, ele foi para S. Paulo trabalhar e lá, ele permaneceu até conhecer minha mãe. Foi lá que ele conheceu minha mãe mas ele não *tava* muito a fim da minha mãe. Ele queria ficar com minha tia. Queria namorar com minha tia. Só que então nesse meio de viravolta ele acaba se apaixonando por minha mãe, que é minha mãe, pronto (risos dos colegas), e ele contou... minha mãe me conta o dia em que ele chamou ela para ir no cinema. Eu gosto dessa história porque eu fico rindo, porque eles combinaram num dia que estava chovendo e a minha mãe é muito *patricinha*, vamos dizer assim, no calão brasileiro ela é cheia de mania e ela já estava com raiva porque ela ia no cinema chovendo, só que ela chegou lá e o meu pai não estava lá. Ela pensou *falhou comigo, fez eu ir no cinema e peguei chuva e agora ele não tá aqui*. Ela voltou revoltada para casa e quando ela estava chegando em casa, estava meu pai pegando chuva também, com um bouquet de flores e com uma caixa de chocolate. Ele vai, chama ela para perto dele, se explica porque é que ele não pode ir e dá para ela. Ela fica assim meio sem graça e eles sentam para conversar e conversa vai conversa vem, ele não beijou minha mãe. Então vai pensado assim *não, esse cara aqui é fraco* (risos dos colegas). Na hora de se despedir a minha mãe vai, dá um beijo, ele fica meio surpreso e não faz nada. Daqui a pouco ele vira as costas e vai embora e ela pensa que ele não volta e ele volta atrás e beija ela. Assim eles ficam apaixonados, namoram uns meses, e casam. Depois disso, minha mãe tinha um problema, ela não podia ter filhos. Era infértil. Minha mãe também foi sempre muito religiosa, porque no Brasil tem isso na cultura.

Eu - Evangélica?

Ma - Sim, sim, eu sou protestante. E nisso, ela vivia e passa alguns anos o casamento dela é infeliz porque ela, tinha aquilo, ela não podia segurar para ter um filho, um filho que fosse dela e ela gosta muito de criança, é uma pessoa assim apegada a criança. E disso nasceu o meu primeiro irmão, uma criança que era meio problemática, tinha

problemas cardio respiratórios e com não sei se foi um ano ou quase um ano, ele faleceu. E ela ficou desesperada com aquilo e tudo mais e meu pai também e não se sabe como, por causa da crença, da cultura do Brasil, ela fez uma oração e o meu irmão ressuscitou, digamos assim. E voltou a respirar...

Eu - Ressuscitou?

Ma - Voltou a respirar! Ele já estava desacreditado da medicina que ele já estava considerado morto. Então ele vai, a minha mãe ficou super feliz e ele foi o primeiro filho de 4. Para uma mulher que não podia gerar nem um filho, ela teve 4. Depois disso veio o meu irmão, é mais velho que eu 5 anos, o mais velho tem 6 de diferença de mim, não é assim muito grande diferença de idade, eu tenho uma irmã que foi a princesinha da casa, digamos assim, ahhh, e eu, sou o mais novo, o mais novo de 4 irmãos e foi muito engraçado crescer com isso tudo porque você ouvir histórias de você, aprende muita coisa com quem vem primeiro. Meu irmão quando a gente chegou aqui ele ficava tomando conta da gente. Então a gente fazia muita bagunça., a gente, ahhh,a gente corria pela rua, a gente jogava à bola, a gente subia em árvore, a gente fazia de tudo um pouco porque eu cheguei aqui eu morei nas Torre das Argolas. Passado pouco tempo a gente foi para a Charneca e depois da Charneca foi para Vale de Milhaços e depois de Vale de Milhaços, a gente foi para Vila Nova e a gente mora lá até hoje.

Eu - Vocês gostam destas histórias?

Ma - Eu gosto muito porque diz muito respeito tudo o que eu sou, quem eu posso chegar a ser, porque eu posso pegar essas experiências e crescer com elas dias após dias. Com essas histórias e seguir em frente.

Eu - E vocês? Gostam de ouvir histórias sobre a vossa família? Dizem que ninguém vos conta ...

W - Eu gostava mas não me contaram...

B - Eu gostava mas com a minha mãe, assim, os meus avós é que me contam de vez em quando...Mas não é nada de especial, é só de onde é que eles eram...

Eu - Mas disseste que não sabias!!

B - Já me lembrei...

Eu - Então de onde é que os teus avós são?

B - O meu avô é de Bragança e a minha avó do Crato. Eu dou-me bem com a minha mãe mas não me conta nada.

Eu - Alguém tem mais alguma história para acrescentar?

Respondem que não!

Eu - Vocês gostam das vossas famílias?

B - Eu gosto bué da minha família. Tenho uma família muito grande...Mas eu..., não me dou, só me dou com poucos membros da família. Mas tenho uma família muito grande... Tenho para aí uns 20 primos.

Eu - Da parte do pai ou da mãe?

B - Da mãe. A minha bisavó tem 24 netos e bisnetos. Antigamente era assim.

Eu - Sim, as famílias eram enormes.

B - Mas não me dou muito com eles. A minha mãe tem mais dois irmãos, mas de pais diferentes.

M - A minha família é bué da fixe mas eu e o meu pai raramente falamos.

Eu - Porquê?

M - Sei lá, não há nada para falar...

D - Eu não me dou muito bem com a minha mãe...

Eu - Vocês acham que é importante terem origens tão diferentes?

Ma - Eu acho, temos mais contacto.

M - É melhor, temos mais conhecimento dos outros.

Ma - Somos menos egoístas porque quando eu vim para cá, Portugal ainda era um país muito fechado e então meus irmãos sofreram muito preconceito. Meu irmão mais velho, contou, ele fez aqui o 5º e o 6º ano e que contou muitas histórias para mim... e..., uma vez um rapaz que já estava no 9º ano, chamou ele de macaco, porque ele subiu na à

arvore porque tinham chutado a bola em cima da árvores e chamou ele *ah é me`mo brasileiro*, não sei que nome usou mas chamou ele de macaco. Meu irmão foi, pegou uma pedra e pegou na cabeça dele. Meu irmão é super calmo. Ele é muito forte...

M - O W já falou o que fazia lá em Cabo Verde... Subiam na árvore, matavam pombos,

D - Credo!!!!

Eu - É importante para vocês terem pessoas de outras culturas na vossa turma?

B - Claro, conhecemos outras pessoas.

M - É indiferente, cada um conhece pessoas de outros países mas é indiferente de onde vêm.

Eu - Não é importante?

M - Não, se eu gostar de uma pessoa, não me interessa de onde vem.

Eu - Nenhum de vocês sentiu preconceitos por causa da vossa origem ou cultura?

B - Eu nunca senti nada de mal em relação aos outros.

Eu - Imagina que nesta escola só havia alunos de origem portuguesa...

D - G`anda seca!

B - Assim só conhecíamos a mesma coisa, era só a mesma coisa...

Eu - Então é melhor ter amigos de outras culturas...

D - Sim, sempre conhecemos outras coisas e aprendemos outras coisas com eles.

Calam-se todos.

Eu - E os vossos amigos? Como os escolhem?

Ma - Um amigo não tem que ser o cara que é perfeito. Se eu me identifico com ele eu o escolho. De um modo geral, na forma de ser.

Eu - Independentemente da sua cultura...

Ma - Independentemente de onde for.

B - É uma pergunta esquisita.

D - Eu não me dou com gente mais nova. A minha mãe diz que só namoro e me dou com mais velhos.

Eu - Porquê? Têm mais experiência de vida?

D - Não sei é uma cena que tenho na cabeça. Tipo é aquela cena de mim. Não sei. Tenho poucas amigas da minha idade. São tipo da minha onda.

Eu - E o que é a tua onda?

D - Têm mais cabeça...

M - Escolho ... Há sempre aqueles que falamos mais, então há aquela pessoa com quem vou me dar mais e vai-se tornar minha amiga.

Ma - Um amigo principia logo com um elo, inseparável... Não me dou com a pessoa só pela cara dela, não. Procuro quem seja melhor que eu porque se andar com alguém melhor você fica melhor

Eu - E o que é que é ser melhor?

Ma - Somos pessoas conscientes. A gente sabe o que é bom e o que é ruim...O bem é o que te faz bem, sem fazer mal a nada. O mau é o que pode prejudicar você e os outros.

Eu - E tu Bernardo, como escolhes os amigos?

B - Eu não escolho, eles aparecem, sei lá...Eu praticamente só arranjei amigos desde que vim para a escola, desde a primária.

Eu - Já mudaste muita vez de escola?

B - Não, sempre andei aqui na Costa. Na escola primária e aqui... Aqui na escola tenho para aí uns 5, desde a primária. Mas eu quando andava na creche, na Costa, eu ainda me lembro, (aponta para o W), era assim da cor dele, chamava-se W também e gostava da amizade dele, eu lembro-me, mas nunca mais o vi na vida...

Eu - E tu W, tens saudades dos teus amigos de Cabo Verde? Foi difícil quando vieste para Portugal? Ganhaste mais ou perdeste quando vieste?

W - Tenho saudades, foi muito difícil...

Eu - Ganhaste mais ou perdeste quando vieste?

W - Ganhei mais.

Eu - Porquê? O que é que os novos amigos vos trouxeram mais?

W - Uma bela amizade... Em Cabo Verde eram todos cabo verdianos e uma *stora* era portuguesa e a filha era também e já falava crioulo, connosco cabo verdianos.

Eu - Quando vem um novo aluno vocês integram-no ou nem por isso?

D - Ficamos uma beca estranhos mas depois *tásse* bem... Depende se não gostar não aceito...Estás, está a ver?

Eu - Mas tem a ver com as culturas dos alunos?

M - Não. Tem a ver com as pessoas. (Os outros acenam que sim com a cabeça).

D - Eu sou bué desconfiada, bué mesmo, mas é pelas cenas da minha vida... Já me fizeram bué mal...

B - Para mim só o tempo ...Quando não conhecemos os outros, são estranhos.

W - Quando vim fiquei bué triste *stora*...Pela primeira vez cá na escola, não conhecia ninguém, não sabia falar português, fiquei *me`mo* à toa... à toa...é muito esquisito., Fiquei à toa...

Eu - E a tua turma como é que te aceitou?

W - Eu entrei na escola e *tava* sozinho, tava lá, *tava* lá (faz um gesto com a mão para indicar o recreio) muitas meninas e... eu passei e ...uma delas me chamou, me chamou...depois ela disse assim: *és novo cá na escola?* E eu só assim (acena com a cabeça), só assim, não sabia falar, só assim. E depois vim cá *pa* dentro conheci uns cabo verdianos que é o Mar, o Re, e depois daí, tudo começou... Na primeira vez foi muito difícil, depois...

Eu - Foi uma primeira vez curtinha...

W - Iahh, foi rápido!

Eu - Mas não só na escola vocês lidam com outras culturas pois não? E no vosso Bairro?

D - Na Vila Nova moro numa zona com bué de idosos. Está – se bem...Fica-se no meio dos Capuchos e Vila Nova há muitos brasileiros, mas na Quinta da Princesa onde morava, não, é muita confusão...

Eu - As pessoas no Bairro aceitam-se bem umas às outras?

D - Na Quinta da Princesinha onde eu morava, não! Tipo se alguém daqui ou do Miratejo parasse lá, era g`anda revolução: era tiros era g`anda confusão. Se alguém parasse lá e ficasse a olhar para as miúdas de lá, era logo: pegavam em facas, isto e aquilo mas aqui não, é bué diferente, vejo que aqui é bué diferente...

Eu - As pessoas aceitam melhor os outros?

D - Iahh! Para já há sempre aqueles que têm a mania que são melhores que os outros...

Eu - Em todo o lado, não?

Quase em coro respondem – Iahh, em todo o lado!

M - Moro só com velhinhos, ali na Costa. Na minha rua é só velhinhos... Tipo, lá não mora gente nova.

Eu - São pessoas que trabalham nas terras ou na pesca?

M - Eles já nem trabalham, não se passa nada ...

Risos

Ma - Eu moro junto com a D e é tranquilo.

D - Iahh é mesmo tranquilo.

Eu - Mas há imensas pessoas de outras culturas. Não há atritos?

Ma - Não,é paradão...

B - Eu moro em dois sítios e lá em Corroios eu moro nas casas novas mas ao lado há muitos ciganos e então aquilo de vez em quando é complicado...

Eu - Porquê?

B - Só gritam e só fazem disparates mas lá na Charneca é calminho. Tenho imensos amigos da minha idade, moramos todos ao lado uns dos outros.

W - O Y mora na Charneca...

B - Mora lá em baixo ao pé de mim, portanto *tou* sempre com ele à noite. Ainda ontem tive. Tenho lá muitos amigos...

Eu - E tu W, onde moras?

W - Na Trafaria, 2º Torrão...

Eu - Moras ao pé de mim...

W - Ai é ?

Eu - Quando passares por mim podes acenar porque eu não vejo bem...

W - Aceno, ok...

Eu - Tens alguma experiência que nos queiras contar do teu bairro?

W - Há angolanos, brasileiros, tugas... Não há nada p`ra dizer...

Eu - E o que pensam da vossa escola?

Todos: Já estou farto da escola...

Eu - Fartos da escola? Porquê?

B - Já *tou* cá há muito tempo!

W - Temos um horário muito podre...

D - Iahhh!

W - É puxado...

Ma - É o dia inteiro!

D - Entramos às 10 e saímos às 6...

M - Hoje entrámos às 9 e saímos às 6...

M - Temos 45 m para almoçar, não dá!

Eu - Com todos estes problemas vocês acham que as vossas histórias de vida, como estiveram a contar, as vossas experiências, as vossas origens, têm relação com as matérias que dão nas aulas? Por exemplo de História? Fazem comparações entre as vossas histórias de vida e as histórias dos outros, que vocês estudam?

W - Eu não sei...

Ma - Acho que sim, porque a vida é uma aprendizagem e você tem de usar todas as ferramentas que ela te dá e você tem uma preparação na escola, o que for é essencial se no seu futuro você desempenha alguma função. Se você tiver uma cultura geral, uma cultura assim mais siquinta??, você sempre aprende alguma coisa. Nada do que você faz é inútil...

Eu - Vocês acham que tudo o que vocês trazem, as vossas histórias, as vossas experiências de vida tem alguma relação com o que é dado na escola, especialmente na disciplina de História? Vocês participam com a professora na construção desta história dos homens, como a Historia de Cabo Verde, Angola ou do Brasil, pois a nossa história é comum...

M - Nunca me dei conta...

D - A gente viu um filme em Historia que parecia tipo, *tava* a passar em vida...Qual era Ma? O homem batia na miúda.

Ma - Era sobre os escravos...Isso mexe comigo porque é a opressão dos europeus sobre esses povos, angolanos, foi vendido como escravo, foi maltratado, não eram tratados como pessoas, pessoas que têm raízes lá, então isso mexe comigo porque tem a ver com história...

D - Iahhh, a minha avó B, como o meu avó era tipo o milionário de Angola tinha a mania que era a melhor. Ela tinha empregadas e batia nas empregadas, e houve uma vez que o filho dela engravidou uma empregada, e ela ameaçou a empregada, e ela tinha o bebé mas depois tinha de fugir senão ela matava ela.

Eu - A empregada era angolana?

D - Era...E ela teve de fugir e nunca mais apareceu.

Eu - E o bebé?

D - O bebé *tá* com o meu tio, ficou lá em casa.

Eu - Então a história da tua família relaciona-se com a história que aprendem...é mais uma história da História...

Toca para a saída e eles pedem-me para sair pois têm de ir buscar as malas.

ENTREVISTA S2

Transcrição da entrevista 28 de abril 2015- S2

Início da entrevista 10h55m; Tempo de duração – 30 minutos

Grupo de alunos entrevistados: Ll -, N; Le ; A; Da- 5 alunos.

Depois de ter agradecido a presença de todos, ter garantido a confidencialidade dos dados, pedindo autorização para gravar e indicar que a duração da mesma, ou seja, aproximadamente 30m dei início à entrevista.

Eu - Vou colocar três questões que é para todos responderem, mas vamos iniciar a entrevista pelo meu lado esquerdo, com o Da; Da, onde é que nasceste?

Da - Em Portugal, no Hospital Garcia da Orta. O meu pai nasceu em Lisboa e a minha mãe no Garcia da Orta. Os meus avós do meu pai são daqui, de Almada e os da minha mãe, são de Lisboa

Tu - E vives aqui na Costa?

Da - Não, vivo na Vila Nova.

Eu - E tu, A?

A - Nasci cá em Portugal mas os meus pais são de Cabo Verde.

Eu - Sabes de que ilha?

A - Não sei...

Eu - Mas ambos são de Cabo Verde?

A - Sim. Os meus avós também são de Cabo Verde.

Eu - Costumas vê-los?

A - Não.

Eu - Eles estão em Cabo Verde?

A - Já morreram.

Eu - Os do lado da tua mãe e do teu pai?

A - Sim.

Eu - Já foste a Cabo Verde?

A - Só uma vez. Quando tinha 5 anos. Passei três semanas lá e depois voltei para Portugal.

Eu - Então, não tens ligação com Cabo Verde, ou tens?

A - Não. A minha nacionalidade é cabo verdiana mas eu moro aqui. Tenho de ter 18 anos para ser português. Quando nasci fiquei 4 anos sem nacionalidade e depois fiquei cabo verdiano.

Le - Eles têm de se naturalizar para ficarem portugueses.

Tu - Não podes ter as duas nacionalidades?

A - Não, tenho de escolher.

Eu - Mas tu tens uma identidade mista! Nascestes aqui mas as tradições da tua família são cabo verdianas, não é?

A - Sim.

Eu - Tens uma grande riqueza cultural!

A - Sim.

Eu - E tu Le, qual é a tua história?

L - Nasci no Hospital Garcia da Orta.

Eu - Desculpa Le mas voltando ao A... Onde nascestes?

A - Em Almada, no Hospital.

Le - Eu também, mas a minha mãe nasceu no barco, era uma ambulância.

Da - Num barco?

Le - Sim, porque a minha avó estava em Lisboa, e para vir para cá ela teve de vir num barco... um barco que era uma ambulância.

Eu - Mas para vir para Almada?

Le - Para o Hospital Garcia da Orta. O meu pai nasceu na casa da minha avó em Almada.

Eu - E os teus avós?

Le - Os meus avós paternos são de Almada e os meus avós maternos aqui da Costa.

Eu - Os teus avós maternos dedicam-se à pesca?

Le - Sim, são pescadores.

Eu - E tu N?

N - Nasci em Lisboa no Hospital S. Francisco de Assis. O meu pai é cá de Lisboa, a minha mãe na Alemanha. O meu pai contou-me que ela nasceu em casa dos meus antigos avós mesmo ao lado do estádio *Shactazer 4*. Com isso não sei se tenho as duas origens porque o meu pai só disse que tenho origem portuguesa.

Eu - A tua mãe é filha de emigrantes?

N - Não, eu acho que ela só tinha os dois pais alemães mas ela quis vir trabalhar para aqui porque lá não tinha nada para receber.

Eu - Para fazer, queres tu dizer...

N - Não, para receber. Depois quando eu nasci no Hospital, eu tive um ano lá, a ser tratado com máquinas e outras coisas porque eu tive um problema de coração gravíssimo que me agravou os problemas nervosos e fui abandonado à nascença pela minha mãe e com isso vim para ao pé dos meus avós...

Eu - Avós paternos...

N - Sim, avós do lado do meu pai. A minha avó nasceu no Hospital, aí, no Garcia da Orta e o meu avô em casa dos meus bisavôs.

Eu - E tu Ll?

Ll - Nasci em Cabo Verde, na ilha de Santiago.

Eu - Vieste para Portugal com que idade?

Ll - Com 12...

Eu - Que idade tens?

Ll - 15!

Eu - Tens saudades?

Ll - Mais ou menos, já lá fui três vezes.

Eu - Queres regressar a Cabo Verde, ou ficar em Portugal?

Ll - Quero ir lá, mas só de viagem. Não quero voltar.

Eu - Estás mais ligado a Portugal?

Ll - Iah!

Eu - E os teus pais, são de Cabo Verde?

Ll - Todos, os avós também.

Eu - Vives com os teus pais?

Ll - Só com a minha mãe. O meu pai está em França.

Fez-se silêncio e baixou a cabeça...

Eu - Vou-vos perguntar agora sobre as histórias da vossa família... Quem é que vos conta as histórias lá em casa?

Da - Eia!! A minha avó...

Le - Eu também sei, posso contar?

Eu - Sim, mas deixa ouvir o Da que já começou e passamos-te depois a palavra...

Da - A minha avó contava que a minha mãe ia trabalhar e o meu pai também e, a minha avó ficava a tomar conta de mim e do meu irmão. Contava histórias mas não aquelas da carochinha, era sobre o passado. Por exemplo do tempo do Salazar: a minha avó, a minha tia e a minha mãe foram para Angola, passaram lá um tempo, não sei quanto é que foi e..., depois voltaram para Portugal.

Eu - Quando foi a Revolução?

Da - Iah, já apanharam mesmo no final...

Eu - Ficaram sem nada?

Da - Iah, passaram mal.

Eu - Vieram para Almada?

Da - Iah, foram para o Monte.

Eu - A tua avó tem saudades?

Da - Ela gostou de Angola, mas prefere estar em Portugal.

A - Eu não tenho histórias, nunca ninguém me contava nada.

Le - Eu tenho histórias que os meus tios contavam mas não me lembro de nada... São tantas... Coisas da pesca....

Eu - Não te lembras de nada? Algumas relacionadas com o mar?

Le - Não, baralho tudo...

Eu - E tu N?

N - Sim, sei quando o meu pai ia trabalhar para o estrangeiro, os meus avós começavam a contar-me histórias que eles não queriam lembrar-se. Uma vem-me assim em particular: que foi, eles trabalhavam na fábrica da mimosa e da agros, a entregar aquelas paletes de leite, e eles ganhavam muito dinheiro com isso, a entregar. Mas só que um dia, no 25 de abril, eles enquanto estavam em casa, a fábrica estava a ser assaltada pelos trabalhadores. O que aconteceu? Eles ficaram sem dinheiro e sem nada. Eles começaram a viver de esmolas, começaram a viver de isso tudo. E com isso eu comecei a interessar-me pela minha família porque, para mim, nem é pobre nem é rica.

Eu – Portanto, achas que a tua família é muito importante para ti e tu para ela, não é?

N acena que sim com a cabeça.

Eu - E vocês? Ll?

Ll - Eu vivia com a minha mãe e com o meu pai na cidade.

Eu - Vocês sentem-se importantes para a vossa família?

Todos responderam que sim.

Le - Sabe quantos filhos é que a minha avó teve? 14!

Eu - 14 filhos?

Le - Ah, pois!

Ll - A minha avó teve 10, 11...

A - Bué, fogo...

Eu - E não vos contam nada sobre esse tempo? Como era? Mais fácil ou mais difícil?

Ll - Em Cabo Verde era mais fácil, lá as pessoas ajudavam com tudo.

Eu - Aqui não ajudam?

Ll, acena que não com a cabeça.

Da - A família da parte do meu pai é bué de grande. Quando são as alturas das festas juntamo-nos todos.

Começam a falar entre si ...

Eu - E em relação a todas as pessoas que vocês conhecem e estão em contacto: são de diferentes culturas, ou não?

Todos respondem ao mesmo tempo que são de origens diversas.

Eu - E isso é positivo ou negativo?

Da - Isso enriquece porque por exemplo: o meu pai esteve na Bélgica e agora na Holanda; a minha tia, os meus tios e as minhas primas, estão na Suíça. Agora ficaram lá mas estão de férias e agora estão nos E.U.A. É agradável ouvir as histórias que contam.

Eu - Mas agradável porquê? Gostas das histórias?

Da - Eu gostava mais que estivessem nos E.U.A.

Eu - Porquê?

Da - Porque é os E.U.A.. Então *stora*...Tem lá de tudo! Na Holanda não tem muita coisa.

Eu - Não tem o quê?

Le e os outros - Não tem o quê...

Da - O Pai diz que está longe da cidade. Trabalha numa fábrica de carne e não gosta de estar na Holanda.

Eu - É importante contactar com pessoas de outras culturas ou não vos enriquece em nada?

Le - Enriquece, claro!

Da - Aprendemos sobre as outras culturas, comemos outras coisas e sabemos mais histórias.

A - Iah!

Eu - Em tua casa A, como é que é?

A - Eu nasci cá e como mais comida portuguesa. Às vezes cabo verdiana, mas é mais portuguesa.

N - É fixe dar-mo-nos com outras pessoas.

Eu - É mais difícil relacionarem-se com pessoas que não são da vossa cultura?

Quase em coro – Não! É igual!

Eu - Então é importante ter amigos de outras culturas!

Vocês têm?

Da - Tenho: Brasil, Coreia do Sul, dois amigos da América...

Eu - De que parte da América?

D - Do norte...E tenho também espanhóis.

Eu - Como é que vocês escolhem os amigos?

Ll - Eu vou logo nas damas...

Risos.

Le - Eu vou com eles, falo com eles...

Eu - Sempre que contactamos com as pessoas, transformamo-nos ou não?

Da - Iah.

Le - Os meus amigos são todos próximos. É da família.

Da - Já é um *gang stora*, já é *gang*...

Risos.

Eu - Integram bem pessoas que não fazem parte do vosso grupo?

Le - Assaltam-nos!

Risos e gargalhadas.

A - É fácil, tento puxar para o círculo de amizade

Ll - Eu recebo bem.

Da - Quando entramos numa turma que já se conhece desde o 1º ano é complicado. Mas depois é bom ter sempre aquele amigo que puxa mais para o grupo.

N - Quando entrei aqui, pensei que ia ser mais complicado. Mas por sorte tive o Da que me ajudou algumas vezes e mais o Le e o A e o Ll.

Eu - Então é positivo termos amigos e conhecer outras pessoas. Trazem-nos sempre algo de novo, ou não?

Da - Trazem, mas primeiro temos de conhecê-los.

N - Aprendemos sempre.

Gerou-se uma discussão entre eles...

Eu - E a escola, é importante para vocês?

Geram-se muitas exclamações de desalento.

Le - Ei, os horários...

Da - É importante, mas o pior são os horários...Passamos cá o dia das 9 às 6 da tarde...

Ll - Não concordo com os horários...

A - Iah, mesmo.

Eu - E na escola, o que gostariam de ver mudado?

D - O tempo de aulas...

L - É muito tempo, o facto de as contínuas estarem sempre a expulsarem dos corredores e os *stores*...

A - Os computadores estão muito velhos...

Da - Eia!, Os *stores*...

A - Deviam ser melhores *stores*!

Eu - E o que é ser melhor *stor*?

Da - É ser mais simpático. Aqueles que implicam e criticam e ...

A - Estão sempre a falar que namoramos uns com os outros e distraímos nas aulas.

Le - Tínhamos uma professora de francês que punha bué fácil na rua.

A - Iah! Qualquer coisa: Rua!

Eu - Então mudavam, os professores, os computadores, os horários...

A - A internet!

Eu - Mas continuam a achar que a escola é muito importante, ou não?

A - Mais ou menos. A minha mãe nunca fez escola professora.

Eu - E o que é que ela te diz?

A - A minha mãe nunca foi porque os pais não deixavam. Vira-se para o Le - Cala-te Le!

A - Foi muito difícil... muito difícil para ela.... Ela trabalhava bué nas hortas só para ter dinheiro e depois poder vir cá para Portugal. Mas ela não pagou para vir para cá. Ela conheceu alguém, veio para Portugal, tiveram um filho mas depois ele morreu. Não sei quando é que foi.

Tu - Acabaste de contar uma história e dizias que não conhecias nenhuma...

A - Ah, mas agora já me lembro! Riu-se.

Gerou-se uma conversa entre eles e risos.

A - O meu irmão e eu somos os únicos que somos cabo verdianos. O resto é tudo português. O meu pai é espanhol porque separou-se da minha mãe e casou-se com uma espanhola.

Eu - Mas ele é de origem espanhola?

A - Não, ele é cabo verdiano, casou com a minha mãe e passou a ser português e separaram-se. O meu pai foi para Espanha casou-se com uma mulher espanhola e tiveram um filho espanhol. Tenho um irmão espanhol.

N - Meio irmão.

A - Iah, meio irmão.

Calaram-se todos.

Eu - Vocês gostam de mostrar aspetos da vossa cultura aos outros ou vice-versa?

Da - É muito divertido!

Eu - Porquê?

Da - Então, eu não sabia que na Coreia os telemóveis tinham 1 terabite de memória...

A - Quê ? Que estás a dizer? O que interessa, isso é tecnologia, és bué confuso meu...

D - Têm telemóveis com 1 terabite de memória (fala pausadamente e pronunciando muito bem todas as palavras).

Le - E então?

Da - Então?

Le - Conversa de troll!!

Eu - Ele é que estava a contar a sua história, deixem-no acabar...

A - É muito interessante!

Da - 1terabite!

Continuam a discutir entre si...

Ll, elevando a voz - A minha mãe tinha uma dor de cabeça que nunca...nunca passava. E ela veio para aqui para se tratar ...

Eu - E depois o que aconteceu?

Ll - Já está aqui há doze anos mas a cabeça está igual.

Eu - Costuma ir ao Hospital?

Ll - Vai às vezes. Eu estou com a minha mãe, o meu padrasto e os meus irmãos... São dois. Calou-se e levantou-se porque tocou para a saída.

Os outros levantaram-se.

Agradei-lhes, despedi-me deles e eles de mim.

ENTREVISTA S3

Transcrição da entrevista do dia 28 de abril de 2015 – S3

Início da entrevista 11h55m; Tempo de duração – 37 minutos

Grupo de alunos entrevistados: J ; R - V; Je ; L; Y. – 6 alunos.

Depois de ter agradecido a presença de todos, ter garantido a confidencialidade dos dados, pedindo autorização para gravar e indicar que a duração da mesma, ou seja, aproximadamente 30m, dei início à entrevista.

Eu - Y, onde é que nasceste?

Y - Nasci no Hospital Alfredo da Costa em Lisboa, 18/8/1999, a acabar o século XX.

Eu - Costumas ir a Lisboa? Muitas vezes?

Y - Muitas vezes, tenho a minha família lá.

Eu - E os teus pais de onde são?

Y - A minha mãe nasceu no Barreiro e o meu pai em Lisboa, na Alfredo da Costa. Os meus avós são de lá. E a minha mãe morava em Lisboa com os pais dela.

L - Nasci no Pragal, em Almada (risos), no Hospital Garcia da Orta a 24/9/1998. O meu pai é do Porto e a minha mãe é de Angola.

Eu - E os teus avós?

L - A minha avó é de Faro e o meu avô não sei. Os avós do meu pai não sei.

Eu - Costumas ir ao Porto?

L - Iah – em agosto vou sempre...

Eu - Gostas de ir lá?

L - Bué! Mas moro na Vila Nova, no bairro.

Je - Agora sou eu! Nasci no Hospital Garcia da Orta, moro na Charneca.

Eu - E os teus pais?

Je - A minha mãe é de Viana do Castelo e às vezes vou lá. O meu pai é de Lisboa.

Eu - Costumas ir a Viana do Castelo?

Je - Às vezes mas não gosto muito...

Eu - Preferes estar aqui?

Je - Meio, meio

Y - É só ovelhas...

Je - Não é nada!

Eu - Tens lá os teus avós?

Je - Tenho. Mas os meus avós paternos são de cá, mas não os vejo muito.

Eu - E tu V?

V - A minha mãe é da Fonte da Telha, o meu pai de Lisboa e eu nasci no Hospital Garcia da Orta.

Eu - E os teus avós?

V - Os meus avós da parte da minha mãe já morreram.

Eu - Eram daqui?

V - Eram da Fonte da Telha...

Eu - E os do teu pai?

V - São de Lisboa e estou todos os dias com eles.

Eu - Vives com eles?

V - Não, vivem na Costa.

Eu - E tu R?

R - Eu nasci em Cabo Verde e estou cá há 6 anos. Toda a minha família é de Santiago.

Eu - Estão cá?

R - Não faço ideia, não conheço. Os meus avós não. O meu avô materno morreu e os outros não conheço.

Eu - Vives com os teus pais?

R - O meu pai está em França e vivo com a minha mãe e os meus irmãos. Somos 5 irmãos...Tenho 3 irmão mais velhos e um mais novo.

Eu - E tu J?

J - Eu nasci no Brasil e estou cá com os meus pais...

Eu - E os teus avós?

J - Morreram...

Eu - Estavam no Brasil?

J - Iah

Eu - Há quanto tempo estás cá?

J - Há 1 ano e meio.

J - Os meus pais vieram há 6 anos e eu vivia com a minha tia.

Eu - Não tens saudades?

J - Um pouco.

R - Eu vou voltar.

Eu - Quando?

R - Quando eu receber.

Eu - Receberes o quê?

R - Quando chegar ao fim do mês! Então, eu trabalho *stora*!

Eu - Vais voltar para Cabo Verde?

R - Vou de férias. De barco, de cruzeiro...

J - Eu não sei se quero. Gosto de cá estar mas prefiro lá.

Eu - E contam-vos histórias da família? Quem?

J - A mim não.

R - Eu não me lembro de nenhuma. A minha avó materna contava-me histórias da minha mãe quando era pequenina mas não me lembro.

Y - Eu não sei nada *stora*!

V - Eu também não, népia...Acho que me contavam em pequenino mas não me lembro.

R - Eu gosto muito das histórias, mas não me lembro.

Eu - E da família? Gostam?

Em uníssonos – Simmmm!!

Eu - Acham que são importantes para a vossa família?

V - Eu sinto-me muito importante na família.

L - Somos 8 em casa e gosto bué.... Os meus pais, as minhas 2 irmãs e os meus sobrinhos. Uma com 26 e outra quase 30. O meu sobrinho mais velho tem 12 anos e o outro 6.

Je - Gosto às vezes de estar com a minha família. Às vezes são chatos...

Y - Gosto muito de estar com a minha família. É muito grande. A minha avó tem 10 filhos

R - Ah, se for por aí...então perdeste... a minha avó tinha 14 filhos.

Y - Iah, vivo com os meus pais, dois irmãos mais novos e um cão...é um podengo.

R - A minha avó tinha 14 filhos.

Eu - Estão em Portugal?

R - 2 só... e na Suíça tenho 1...

Eu - Dás-te bem com eles?

R - Iah, para a semana vem a minha tia.

Y - *Stora!*

Eu - Diz...

Y - A minha avó tinha 10 filhos por causa dos abonos, dos rendimentos.

Eu - Do rendimento mínimo?

Y - Iah. Tenho uma tia minha que morreu. Com um ano ou o que era. Foi no berço. Acho que já tinha nascido com problema e depois a minha avó foi ver e ela estava morta no berço. E também tenho uma tia minha a quem já morreram 2 filhos na barriga. Quase a nascer...

V - Quando nasceram?

Y - Na barriga. Acho que é genético. Também aconteceu há 1 ano com a minha prima. Ela engravidou do primeiro filho, estava quase a nascer e quando o tiraram já vinha morto. Tinha trissomia...

Eu - Na tua família casam muitos primos uns com os outros?

Y - Antigamente sim, mas agora já não. Já veem de fora. Casamos mais fora do nosso grupo.

Eu - E agora podemos falar sobre sítios onde vocês conhecem outras pessoas, de origens e de culturas diferentes. Os vossos amigos vieram de outros países ou de regiões de Portugal?

Em unísono respondem que os amigos são de várias origens...

Eu - É melhor, é mais fácil?

R - É melhor porque conhecemos gente de outras culturas. O Y aprendeu comigo a dizer *chigadinho*.

Eu - A dizer?

R - Chigadinho. É a minha zona e ele não sabe dizer.

V - É um bairro. No Feijó

R - Aquilo não é Feijó. É ao pé do Parque da Paz.

Eu - E o que é que aprendeste com ele, R?

R - Então... Ele aprendeu um pouco da minha língua e eu coisas.

Eu - Que coisas?

R - Iahhh *stora*, não vou dizer, não posso.

Riram-se todos.

Eu - Mas coisas que possas dizer, por exemplo, comidas...

Y - Eles gostam muito de *catchupa*.

V - Iah, *catchupa*!!

Y - Iah, é assim mesmo que se diz. Mas nós gostamos mais de bacalhau, assim no Natal e essas coisas...

Eu - No Natal comem bacalhau?

Y - Iah. E feijão com vinagre. Há muitos anos, os ciganos comiam no Natal, no chão. Não sei porquê. Nada de sentados e isso. Já cheguei a fazer com a minha família. Como somos muitos e há uns anos como nos reunimos , iah, fizemos isso.

Eu - E o que metem no chão?

Y - É tipo uma toalha normal no chão mas bué *da* grande. Sentamos todos à volta. Bué bacano, e comemos todos.

R - Na minha terra não é jantar...é mesmo festa. Desde manhã, chegam várias pessoas, tipo de várias famílias que nós conhecemos e as pessoas chegam... 30 pessoas numa casa e a comida é tipo, na rua, tipo, sem ser no fogão, com pedras, iah, e ... tipo, só

começa a comer a partir das 7. E fazem, tipo, *me`mo* festa, não é tipo jantar, tipo ceia de Natal. É mesmo uma festa.

Eu - Se estamos a celebrar o nascimento de Jesus, deve ser uma festa, não é?

R - Iah. É por isso que é uma festa.

Eu - E tu V?

Je - São todos chatos. Não aprendi nada com eles.

V - Eu aprendi muita coisa. Com o R a língua dele...

L - Eu não tenho nada...

V - O meu bisavô era da cultura do Y mas não casou com cigana. Eu sou V M e ele Y M...

Eu - Vocês são família?

Y e V - Não sei...

Y - O meu pai tem família em Espanha e em Vila Nova de Gaia..., no Porto. O meu pai diz que o meu avô ia para Espanha ter com os outros familiares e, tipo, o meu pai conta que eles não tinham assim uma boa vida e...como eram muitos...iah, o meu avô ia para Espanha com os irmãos dele, e fazia as vendas à porta, iah, ganhava dinheiro e voltava para cá, para dar de comida aos filhos e depois voltava para lá.

Eu - Era uma vida dura...

Y - Iah. Ele teve uma vida dura. O meu pai andava de mota, CRX...

Eu - E sobre os vossos amigos? São importantes para vocês? Como é que os escolhem?

R - Há amigos e conhecidos...

Eu - Vamos falar de amigos...

R - Eu não os escolho... Para explicar é difícil. Às vezes, nos momentos mais difíceis é que sabemos quem são os amigos.

L - Aparecem e depois escolhemos...É como o R diz, nos piores momentos é que sabemos quem são...

J - Às vezes é ao contrário. Pensamos que são amigos...

Fez-se silêncio...

Eu - E com um colega que chega à turma pela primeira vez? Vocês integram-no bem?

R - Ou mal...Se nos tratarem mal.

Eu - Entraram colegas novos na vossa turma. Como é que os acolheram?

V - Foi tratado mesmo bem...

Eu - Como é que acham que eles se sentem quando vocês os excluem?

R - *Bullyingados*...

Eu - O quê?

L - Os que sofrem *bullying* e os *bulylingistas*...

Eu - Vocês não exercem *bullying* ou sim?

R - Não. Eu sou muito à frente.

Calaram-se todos.

Eu - Gostam de vir para a escola?

Em unísono: Não!

R - Tanto que não gosto que já não venho para a semana. Vou trabalhar. Preciso de trabalhar!

L - É uma seca. E depois aquelas *storas*...

V - Elas têm mais *coiso* de vir para a escola do que nós...

Je - Mesmo a sério...

Y - A de matemática...

Eu - Vocês não se sentem bem nas aulas? Não aprendem nada que acham útil para o vosso dia a dia?

R - Não *stora*. Passado 5 minutos, *tou* taradinho. É...

V - É uma seca...

L - Depois temos os nossos pais que nos dizem que é importante e dizem: ah, nós não tivemos muito tempo para estudar e isso, só que, acho que se eles estivessem no nosso lugar faziam o mesmo. Faziam o mesmo.

Y - Pois. Também acho!

L - A minha mãe não gostava.

R - Eu nunca, nunca tive uma negativa em Cabo Verde. Nunca!

Eu - Então o que aconteceu? Não compreendias a língua?

R - Não. Comecei a faltar, a andar com outras companhias... Eu vim para aqui e depois, logo no meu 2º ano comecei a faltar...

Eu - Porquê?

R - Então... Lá em Cabo Verde ninguém faltava... ninguém faltava . Quando vim para aqui quase a sala inteira faltava, só eu é que ficava na aula... Teve quase 1 mês inteiro que eu ia para a aula quase sozinho. Só 5 pessoas.

L - Estavas onde?

R - Na escola do Laranjeiro. Eu estava no 5º ano, quando vim... Para o ano vou estudar à noite. Vou começar a trabalhar.

Y - Não gosto de vir para a escola. É uma seca.

Eu - O que é que gostavam que mudasse na escola?

Todos: Tudo, tudo.

L - A primeira coisa era meter 12º ano. Aqui na Costa era a melhor cena!

Eu - Porquê?

L - Porque tinha amigos que voltavam e, se calhar, até me interessava mais por vir estudar e não faltar às aulas.

R - Eu queria trabalhar, ter a minha carta, o meu carro, mas para voltar para aqui isto tudo tinha ido embora daqui.

Eu - Portanto a escola para vocês são os amigos?

L - Mas não só também é importante.

R - Não deixa de ser uma seca...

Eu - O 12º ano ia melhorar alguma coisa?

R - Eu acho!

L - Deviam mudar as casas de banho. Esta escola já está muito velhinha... Ao fim de 10 anos só meteram um campo novo...

R - Podiam arranjar o mato lá fora e pôr coisas bonitas...

L - Um toldo para quando chove não sermos obrigados a estar nos corredores...

Eu - Mas podem propor o embelezamento da escola. Não era importante proporem?

R - Eu arranjei estores, portas e janelas mas ficou por aí...

Eu - Foste tu que propuseste?

R - Fomos nós com o professor.

V - O que é que vamos fazer para melhorar?

Eu - E o que é que melhoravam?

Todos: Sei lá, não sei...

Eu - Para finalizar a entrevista porque está quase a tocar, que aspetos da vossa cultura gostariam de dar a conhecer aos vossos colegas e amigos?

R - Eu gostava que não houvesse racismo. Em nenhuma das raças. Nenhuma, nenhuma mesmo...

L - Iah! Isso era bacano.

Eu - Vocês acham que há racismo na escola?

Os rapazes respondem que sim. As raparigas permanecem caladas.

R - Há racismo dos professores... Pode perguntar o que aconteceu no Fórum

L - Iah!

L - Fui eu, ele (aponta o R), o B, aquele louro e ele (aponta o Y). Então nós entramos no Jumbo e ele (aponta para o R) era o único que estava com uma mala cheia com cenas não sei de quê...

R - Era daí da sala, roupas do trabalho...

L - Então nós entrámos no Jumbo ...

Toca para a saída ...

L - Vou só acabar... Fomos comprar gomas e saímos. Eu passei pela máquina que apita e estava um segurança com uma mulher. Uma mulher que passou à minha frente e aquilo apitou. Eu passo a seguir na boa, passa o B, passa este (aponta para o Y) e passa o R e aquilo continua a apitar e o senhor manda o R abrir a mala.

Eu - O segurança não pediu à senhora para ser revistada?

Y - Iah. Mas de todos, só mandou parar o R.

R - Eu fui lá e passei, e aquilo não apitou.

L - Para mim foi mau...

A funcionária bateu à porta e perguntou se demorávamos, pois precisava de fechar a sala à chave.

Agradei a todos (alguns já estavam junto à porta de saída) e despedimo-nos.

Questionário

Este questionário vem na sequência das atividades que temos vindo a desenvolver. Demonstraste em todas elas empenho e o resultado das mesmas foi muito importante para compreendermos, em conjunto, a importância das relações com os amigos, escola e família. Gostava, assim, que respondesses às questões que se seguem.

Dados demográficos

Data de nasciment

Género:

Naturalidade:

Onde reside?

Vive com quem?

Línguas que fala:

Língua materna:

1 - Recordas algum assunto/tema da disciplina de História que te tenha ajudado a compreender melhor a história da tua família/do teu povo?

2 - Qual foi esse assunto/tema?

As questões que agora se seguem devem ser respondidas em conjunto com o teu parceiro de carteira.

3 - Neste nosso projeto as expressões artísticas foram mobilizadas para explorar e partilhar as vossas histórias de vida, em diferentes ambientes culturais.

a) O que tem significado para vocês esta experiência?

b) Que relações estabelecem entre esta experiência de trabalhar as histórias de vida usando a arte e o que têm aprendido noutras disciplinas, nomeadamente com a História?

4 - Neste curso de Artes e Oficinas fizeram vários trabalhos de expressão artística e tiveram oportunidade de desenvolver aprendizagens no domínio das artes.

Como é que vêes que a arte pode ser um veículo de expressão da vossa identidade e das múltiplas culturas existentes em vossa turma?
